

a ascensão da magia
crônicas da escolhida | livro três
nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

Para Bruce, e para o lar e a família que construímos juntos



LIBERDADE

*Outrora estava a Liberdade nas alturas,
Os trovões estourando aos seus pés;
Acima estremecia a luz das estrelas;
Ela ouvia o encontro das torrentes.*
— Alfred, Lord Tennyson

PRÓLOGO



Sobre o escudo, um dos sete forjados no passado atemporal para conter a escuridão, caiu uma única gota de sangue. Assim, o escudo enfraqueceu e a escuridão, paciente como uma aranha, esperou enquanto as décadas passavam e a ferida se alastrava sob a erva e o solo.

E no último dia do que havia sido, um bom homem, em toda a sua inocência, quebrou o escudo. A escuridão recompensou-o com uma infecção fatal, que passaria de marido para mulher, de pai para filho, de desconhecido para desconhecido.

Enquanto o mundo moribundo titubeava, os seus alicerces — governos, tecnologia, leis, transportes, comunicações — desintegravam-se como tijolos de areia.

O mundo acabou com explosões e lamentos, com sangue e dor, com medo e terror. Um caixa entregando dinheiro a um cliente, uma mãe amamentando o seu filho, um homem de negócios firmando um acordo com um aperto de mão — estes e muitos outros contactos simples espalharam a morte por todo o mundo como uma nuvem envenenada.

E milhares de milhões sucumbiram.

Chamaram-lhe «Flagelo», pois assim era; uma doença sanguinariamente veloz, sem cura, que matava com igual prazer vilões e inocentes, estadistas e anarquistas, os privilegiados e os pobres.

Enquanto milhares de milhões morriam, os que sobreviviam — os imunes — lutavam para viver mais um dia, para encontrar comida, para proteger o abrigo que pudessem ter, para fugir e escapar à violência desenfreada sobrevivida. Pois havia quem, mesmo no momento mais terrível da sua vida, incendiasse, saqueasse, violasse e matasse por puro prazer.

No meio da nuvem venenosa que envolvia o mundo, a luz cintilou. A escuridão pulsou. Poderes, há muito adormecidos, despertaram. Consoante as escolhas feitas, uns desabrochavam luminosos, outros sombrios. Mas desabrochavam.

A magia começou a agitar-se.

Uns aceitavam os prodígios, outros temiam-nos. Outros odiavam-nos.

O outro, aquele que era diferente, despertaria sempre ódio nalguns corações. Os que viriam a ser conhecidos como «Mutantes» enfrentavam o medo e o ódio daqueles que os perseguiam. Desesperados por conservar o seu próprio poder, os governos caçavam-nos, aprisionavam-nos e sujeitavam-nos a experiências.

Aqueles que possuíam poderes mágicos escondiam-se ou lutavam contra os que evocavam um deus feroz e implacável para torturar e destruir, contra os que se agarravam ao próprio fanatismo como se de um amante se tratasse.

Contra os que desabrochavam na escuridão.

Numa noite de tempestade, uma criança cuja luz despertou no momento da morte de um bom homem, tomou o seu primeiro fôlego. Fruto de amor e sacrifício, de esperança e luta, de força e sofrimento.

Com aquele primeiro choro de vida, as lágrimas de uma mãe e as mãos fortes de um homem que a segurava, a guerreira, a líder, a Escolhida deu o primeiro passo em direção ao seu destino.

A magia começou a palpitar.

Nos anos que se seguiram, travaram-se guerras entre homens, entre escuridão e luz, entre aqueles que se esforçavam por sobreviver e construir e os que procuravam destruir e governar um mundo em ruínas.

A criança cresceu, bem como os seus poderes. Com a sua instrução, os seus erros e os seus triunfos, ela deu os passos seguintes. E assim, uma jovem cheia de fé e de assombro introduziu a mão no fogo para empunhar a espada e o escudo. E tornou-se a Escolhida.

A magia iniciou a sua ascensão.

CAPÍTULO UM



A tempestade vociferava. Abatia-se em seu redor com uma chuva torrencial batida a vento, relâmpagos rechinantes e trovões estrondeantes. Redemoinhava no seu interior numa torrente de cólera que ela sabia que tinha de ser reprimida.

Naquela noite causaria morte através da sua espada, do seu poder, das suas ordens. Cada gota de sangue derramado mancharia as suas mãos — era esse o peso da liderança e ela aceitava-o.

Não tinha ainda completado os vinte anos.

Fallon Swift levou os dedos à pulseira que usava no pulso e que conjurara de uma árvore que havia destruído num acesso de fúria e que entalhara para se lembrar de nunca destruir por raiva.

Dizia: *Solas don Saol.*

Luz para Vida.

Naquela noite causaria morte, recordou uma vez mais, mas ajudaria outros a viver.

No meio da tempestade, estudou o complexo. Mallick, seu professor, havia-a levado a outro bastante similar no dia do seu décimo quarto aniversário. Mas enquanto esse estivera deserto — restando apenas o fedor a magia negra, os restos carbonizados dos mortos e os gritos agonizantes dos torturados —, este continha mais de seiscentas pessoas: duzentas e oitenta ao serviço e trezentas e trinta e duas prisioneiras.

De acordo com as suas informações, quarenta e sete desses prisioneiros eram menores de doze anos.

Fallon havia memorizado cada milímetro do centro de contenção; cada sala, corredor, câmara, alarme. Desenhara mapas detalhados e passara meses a planejar aquele resgate.

Nos três anos que se haviam passado desde que começara a organizar o seu exército, desde que ela e a família tinham trocado a sua casa por Nova Esperança, seria a maior tentativa de resgate levada a cabo pelas suas forças da resistência.

Se fracassasse...

Uma mão agarrou-lhe o ombro, tranquilizando-a como sempre fizera. Virou a cabeça e olhou para o pai.

— Temos tudo controlado — disse-lhe Simon.

Ela expirou. — Enfeitiçando as câmaras de vigilância — murmurou ela, transmitindo telepaticamente a informação aos elfos para que estes passassem a palavra.

Agora os que vigiavam os monitores de segurança veriam apenas as árvores, a chuva, o solo pantanoso.

— Eliminar os alarmes.

Fallon e outros bruxos lançaram diligentemente o feitiço sob a violenta tempestade.

Quando as fileiras receberam a informação de que o caminho estava livre, ela ignorou o aperto no peito e deu a ordem. — Arqueiros, avancem.

As torres de vigilância tinham de ser desarmadas, rápida e silenciosamente. Ela sentiu Tonia, a líder dos arqueiros, sua amiga e sangue do seu sangue, colocar uma flecha no arco e disparar.

De olhos cinzentos concentrados, Fallon viu flechas atacarem e homens tombarem nas torres dos quatro cantos dos muros da prisão.

Aproximou-se e usou o seu poder para desativar o portão eletrónico. Ao seu sinal, as tropas fluíram através da abertura, os elfos treparam muros e vedações, os transmorfos lançaram-se com garras e dentes, as fadas deslizaram pelo ar com um suave agitar de asas.

Sincronização, pensou ela enquanto falava telepaticamente com Flynn, o comandante dos elfos, e com Tonia. Rebentariam simultaneamente as três portas e o líder de cada equipa focaria as suas tropas nas prioridades. Destruir comunicações, eliminar segurança, tomar posse da armaria, salvaguardar o laboratório. Acima de tudo, proteger todos os prisioneiros.

Depois de um último olhar em direção ao pai, e de ver coragem e

determinação num rosto em que confiava completamente, Fallon deu a ordem.

Desembainhou a sua espada, provocou a explosão das trancas das portas principais, invadiu o edifício e fez explodir as portas secundárias.

Parte da sua mente sobrepôs o presente com a prisão em Hatteras, com as visões que lá havia evocado aos catorze anos de idade. Era tudo muito semelhante.

Mas ali os soldados estavam vivos e agarravam em armas. No preciso momento em que soaram os disparos, ela atacou com o seu poder, incendiando armas que deixaram mãos repletas de bolhas e homens a gritar de dor. Golpeou com a espada e usou o escudo para abrir caminho pelo meio do inimigo.

Enquanto lutava, ouvia os gritos, os gemidos, as súplicas do outro lado das portas de aço, e sentiu o medo, a terrível esperança, o sofrimento e a confusão dos que estavam enclausurados.

Impregnada de tudo aquilo, golpeou um soldado enquanto corria para o seu equipamento de comunicação, atravessou o rádio com a espada e provocou um curto-circuito em todo o sistema.

Choveram faíscas e os monitores apagaram-se.

Botas ressoaram nas escadas de metal e morte, mais morte, foi ao seu encontro quando as flechas rasgaram o ar. Fallon deteve uma bala com o seu escudo e fê-la ricochetear em direção ao atirador, enquanto se virava para a porta de ferro que alguém no interior da prisão havia conseguido trancar.

Abriu-a com uma explosão, eliminando dois guardas do outro lado, e, saltando por cima do fumegante metal retorcido, trespassou um terceiro com a espada antes de correr para as escadas que conduziam ao piso inferior.

Os gritos de guerra seguiram-na. As suas tropas dispersaram-se e invadiram o espaço; quartel, gabinetes, messe, cozinha, enfermaria.

Mas ela e os que a acompanhavam correram em direção ao laboratório e à sua câmara de horrores. Deparam-se com outra porta de ferro. Fallon começou a lançar o seu poder, mas parou pouco antes da explosão pois sentiu a presença de algo mais, algo sombrio.

Magia negra e mortífera.

Levantou uma mão para deter a sua equipa. Alta, com o seu traje de couro e botas confeccionadas por elfos, de curtos cabelos pretos e olhos toldados pelo poder, obrigou-se a ser paciente e perscrutou o espaço.

— Não se aproximem — ordenou ela. Colocou o escudo ao ombro e embainhou a espada para aproximar as mãos da porta, das fechaduras, da

moldura profunda, do metal espesso. — Está armadilhada — murmurou ela. — Se forçarmos a entrada, vai explodir para cima de nós. Afastem-se.

— Fallon.

— Afasta-te — disse ela ao pai. — Eu podia desarmadilhá-la, mas levaria demasiado tempo. — Empunhou novamente o escudo e a espada. — Em três, dois...

Lançou o seu poder; luz contra escuridão.

A porta explodiu, cuspidando fogo e lançando uma enxurrada de metal denteado em chamas. Os pedaços de metal embatiam no escudo e voavam para acabarem espetados na parede atrás dela. Fallon saltou para dentro da torrente.

Ela viu um homem nu, de olhos vítreos e rosto inexpressivo, algemado a uma mesa de examinação. Outro de bata branca lançou-se para trás, deu um salto mortal apoiado nas mãos e trepou velozmente a parede do fundo.

Ela lançou poder em direção ao teto, fazendo cair o homem de bata, enquanto Simon se desviava do golpe de bisturi de um terceiro antes de o derrubar com um soco seco.

— Procurem outros — ordenou Fallon. — Confisquem todos os registos. Dois ficam a controlar este setor e os restantes espalhem-se para limpar o resto do piso. — Aproximou-se do homem sobre a mesa. — Conseguem falar?

Ouviu o seu pensamento, o esforço para formar palavras.

Eles torturaram-me. Não me consigo mexer. Ajuda-me. Podes ajudar-me?

— Estamos aqui para ajudar. — Observou o rosto dele enquanto embainhava a espada. Ignorou o caos de luta que vinha do piso superior, mantendo a mente conectada à dele.

— Temos aqui uma mulher — gritou Simon. — Drogada e cortada, mas está a respirar.

Eles magoam-nos, magoam-nos. Ajuda-nos.

— Sim. — Fallon pousou uma mão numa das algemas e esta abriu-se. — Há quanto tempo está aqui?

Não sei. Não sei. Por favor. Por favor.

Fallon contornou a mesa para abrir a algaema do outro pulso. — Escolheu a escuridão antes ou depois de ter entrado aqui? — indagou ela.

O homem ergueu-se com uma expressão de satisfação no rosto e lançou-lhe um raio. Ela limitou-se a devolver-lho com o escudo, trespassando-o com a própria maldade.

— Acho que nunca saberemos — murmurou ela.

— Deus do Céu, Fallon — disse Simon, com a mulher sobre o ombro e a arma em punho.

— Eu tinha de me certificar. Podes levá-la a um médico?

— Sim.

— Nós tratamos do resto.

Quando terminaram, o balanço era de quarenta e três prisioneiros inimigos para transportar. Enterrariam os restantes. Os médicos entraram em ação para tratar os feridos de ambos os lados, enquanto Fallon dava início ao laborioso processo de examinar as pessoas que estavam encerradas em celas.

Ela sabia que algumas poderiam ser como as que estavam no laboratório. Outras poderiam ter sido vergadas, e uma mente vergada podia ser perigosa.

— Faz uma pausa — disse-lhe Simon, e enfiou-lhe um café na mão.

— Algumas estão bastante débeis. — Engoliu o café enquanto analisava o rosto do pai. Simon limpava o sangue, e os seus olhos cor de avelã estavam límpidos. Ele havia sido um soldado há muito, no outro tempo. E voltava a vê-lo agora. — Terão de ser transportadas para um dos centros de tratamento, antes de as deixarmos ir embora. Porque é que isso me dá a impressão de que estamos a mantê-las prisioneiras?

— Não devia dar-te essa impressão, porque não é isso. Algumas nunca recuperarão a lucidez, Fallon, mas, apesar disso, deixá-las-emos ir embora, a não ser que apresentem um verdadeiro perigo. Agora diz-me como soubeste que aquele filho da mãe que estava na mesa do laboratório era um dos vilões.

— Para começar, ele não era tão poderoso como pensava e deixou transparecer a sua essência. Mas, logicamente, o feitiço na porta era bruxaria. O outro com poderes no laboratório era um elfo. Um elfo mau — disse ela com um leve sorriso. — Os elfos são bons a abrir fechaduras, mas não conseguem enfeitiçá-las. Senti o pulso dele quando abri a primeira algaema, e estava muito acelerado. Não estaria se ele se encontrasse sob o efeito de um paralisante.

— Mas abriste a outra algaema.

— Ele poderia tê-lo feito. — Fallon encolheu os ombros. — Tinha esperança de poder interrogá-lo, mas... bem. — Emborcou o resto do café e deu graças à mãe e às restantes bruxas que haviam criado o clima dos trópicos para cultivar os grãos. — Tens informações da mulher que eles tinham derubado da mesa?

— Fada. Nunca mais voltará a voar, pois excisaram-lhe a maior parte da asa esquerda, mas está viva. A tua mãe está com ela na unidade médica móvel.

— Muito bem. A fada teve sorte por eles a terem atirado simplesmente

ao chão e não a terem matado. Assim que os nossos prisioneiros feridos tiverem sido transportados, preciso que os interrogues. Sei que é difícil para ti — acrescentou ela. — São soldados, e a maior parte está apenas a cumprir ordens.

— São soldados, — concordou ele, — que nada fizeram, ou foram cúmplices, enquanto os seus prisioneiros eram torturados, enquanto crianças eram encerradas em celas. Não, querida, não é difícil para mim.

— Eu podia fazer isto sem ti, porque tenho de o fazer, mas não sei como. Ele deu-lhe um beijo na testa. — Nunca precisarás de saber.

Fallon falou com crianças possuidoras de magia que haviam sido separadas dos seus pais e reuniu duas cujos pais, biológicos ou adotivos, tinham sido encerrados noutra cela.

Falou com os que estavam em cativeiro há anos e com os que haviam sido detidos poucos dias antes.

Verificou as informações de cada prisioneiro nos detalhados registos do agora falecido comandante da prisão e passou os olhos pelos horrendos registos de experiências feitas no laboratório.

Os dois Mutantes Sombrios — bruxo e elfo — que ali tinham trabalhado haviam escondido a sua natureza, por isso nos registos não constava ninguém com poderes mágicos entre o pessoal.

As informações tinham os seus limites, pensou ela enquanto marcava o bruxo como falecido e o elfo como prisioneiro de guerra.

A tempestade passou e a manhã despontou enquanto ela fazia uma última passagem pelo edifício. As equipas de limpeza já trabalhavam para limpar o sangue que manchava o chão de betão, as paredes, as escadas. A equipa de aprovisionamento havia reunido tudo o que valia a pena levar — rações, equipamento, veículos, armas, roupa, sapatos, botas, medicamentos. Seria tudo registado e depois distribuído onde fosse mais necessário, ou armazenado até o ser.

A unidade responsável pelos enterros cavava sepulturas. *Demasiadas sepulturas*, pensou Fallon, saindo e atravessando o solo enlameado. Mas naquele dia não cavariam nenhuma para um dos seus e isso fazia daquele um bom dia.

Flynn emergiu da floresta com o seu lobo *Lupa* ao lado.

— Sete dos prisioneiros precisam de mais tratamento — disse ele. — A tua mãe está a ajudar a transportá-los para Cedarsville. É a clínica mais próxima capaz de prestar cuidados aos seus ferimentos. Os restantes estão a caminho do centro de detenção em Hatteras.

— Ótimo.

Flynn, pensou Fallon, que era rápido — afinal era um elfo —, eficiente e sólido como as rochas nas quais conseguia fundir-se, havia conhecido a sua mãe e o seu pai biológico ainda adolescente.

Agora um homem, era um dos seus comandantes.

— Vamos precisar de um destacamento de segurança rotativo aqui — continuou ela. — Hatteras está perto da sua capacidade máxima, portanto vamos precisar destas instalações. E eles podem vir aqui ver o que se passa quando não conseguirem entrar em contacto, ou quando vierem simplesmente trazer mais um carregamento de prisioneiros.

Referiu diversos nomes para o destacamento, incluindo o do seu irmão Colin.

— Eu organizo isso — disse Flynn. — Mas o Colin foi atingido durante a operação, por isso...

— O quê? — Fallon virou-se subitamente para Flynn e agarrou-lhe com força no braço. — Só agora é que me informas?

— Tu és a Escolhida, mas a mãe da Escolhida é extremamente assustadora. Assim, quando ela diz para eu ficar calado, eu fico calado. Ele está bem — acrescentou rapidamente Flynn. — Foi baleado no ombro direito, mas a bala já foi extraída e ele está a recuperar. Achas que a tua mãe acompanharia inimigos feridos se o filho não estivesse bem?

— Não, mas...

— Ela não te queria distraída... e nem o teu irmão, que está mais irritado do que magoado. O teu pai já o enfiou na unidade médica móvel de volta para Nova Esperança.

— Está bem, tudo bem. — Mas, frustrada, Fallon passou as mãos pelos seus cabelos curtos. — Raios.

— Libertámos trezentas e trinta e duas pessoas, e não perdemos ninguém. — Alto e esguio, com uns intensos olhos verdes, Flynn virou a cabeça para o edifício atrás de si. — Ninguém voltará a ser torturado naquele inferno. Aceita a vitória, Fallon, e vai para casa. Estamos seguros aqui.

Ela anuiu com a cabeça e entrou na floresta, inalou o cheiro a terra húmida e a folhas encharcadas. Naquela zona pantanosa que outrora havia sido Virgínia, perto da fronteira com Carolina do Norte, os insetos zum-biam e o que ela reconhecia como sendo sumagre crescia tão denso como paredes.

Fallon atravessou a vegetação até entrar no círculo de resplandecente sol matutino para chamar *Laoch*.

Por um momento, porque, apesar da vitória, estava exausta, encostou o rosto ao pescoço forte do animal. E durante esse momento, sentiu que era apenas uma menina, com dolorosas nódoas negras, os olhos cinzentos fechados e o sangue dos mortos na camisa, nas calças e nas botas.

Depois montou, sentou-se ereta na sela de couro dourado. Não usou rédeas nem esporas no alicórnio.

— *Baile* — murmurou-lhe ela. Casa.

E o animal elevou-se no céu azul da manhã para a levar.

Quando chegou à grande casa situada entre o quartel de Nova Esperança e a quinta onde Eddie e Fred criavam os seus filhos e faziam os seus cultivos, encontrou o pai à espera no alpendre, com as botas apoiadas no corrimão e uma caneca de café na mão.

Havia tomado um duche, reparou ela, pois a densa trunfa castanha ainda estava húmida. Simon levantou-se, desceu ao seu encontro e pousou uma mão no pescoço de *Laoch*.

— Entra e vai ver como ele está. Continua a dormir, mas vais sentir-te melhor. Eu cuido do *Laoch*, e depois há pequeno-almoço quente no forno para nós os dois.

— Tu sabias que ele tinha sido ferido.

— Eu sabia que ele tinha sido ferido e sabia que ele estava bem. — Simon fez uma pausa quando ela saltou do cavalo. — A tua mãe pediu para não te dizer nada até teres terminado. Ela disse «ponto final» e quando a tua mãe diz isso...

— É ponto final. Vou ver com os meus olhos e tomar um duche. Depois não me importava de tomar esse pequeno-almoço. O Travis e o Ethan?

— O Travis está no quartel a trabalhar com uns recrutas novos. O Ethan está em casa do Eddie e da Fred a ajudar a tratar do gado.

— Muito bem.

E agora que sabia onde se encontravam os outros irmãos, Fallon entrou para ver como estava Colin.

Entrou, virou em direção às escadas da casa que servia agora como seu lar, mas que ela duvidava que algum dia o fosse verdadeiramente. A quinta onde havia nascido e crescido seria para sempre o seu lar. Mas aquele lugar, tal como a casa de campo na floresta onde fora instruída por Mallick, servia um propósito.

Entrou no quarto de Colin e viu o irmão estendido na cama, trajado com um par de boxers velhos bastante coçados. Ressonava à campeão.

Fallon aproximou-se dele e pousou muito suavemente a mão no seu

ombro direito. Estava tenso e dorido, reparou, mas era um ferimento limpo já bem curado.

A mãe tinha aptidões incríveis, lembrou Fallon a si mesma. Tomou mais um minuto para afagar os cabelos do irmão, de um tom louro mais escuro do que o da mãe e que ele usava atualmente presos no que dizia ser uma trança de guerreiro: curta e grossa.

Ele tinha um corpo de guerreiro, musculado e firme, com uma tatuagem de uma serpente enrolada na omoplata esquerda. (Feita aos dezasseis anos sem permissão parental.)

Fallon deixou-se ficar um momento no caos do quarto; o irmão continuava a colecionar todo o pequeno tesouro que lhe despertasse a atenção. Moedas raras, pedras, pedaços de vidro, arames, garrafas velhas. E, segundo parecia, nunca aprendera a pendurar nem a dobrar uma única peça de roupa.

Dos três irmãos, ele era o único que não tinha poderes mágicos. E o único dos três que parecia ter nascido para ser soldado.

Então ela deixou-o a dormir e desceu as escadas até ao seu quarto, que ficava no piso inferior.

Ao contrário do de Colin, o seu quarto estava escrupulosamente arrumado. Ela havia afixado mapas nas paredes — desenhados à mão ou impressos, velhos e novos. No baú, aos pés da cama, guardava livros: romances, biografias, histórias, livros sobre ciência e sobre magia. Em cima da escrivaninha tinha dossiês sobre soldados, civis, instrução, bases, prisões, provisões de alimentos, material médico, manobras, feitiços, horários de tarefas e de rotatividades.

Na mesinha ao lado da cama estava uma vela branca e uma bola de cristal; presentes do homem que a havia instruído.

Fallon despiu-se e largou a roupa no cesto de roupa para lavar. E com um sentido suspiro, entrou no duche para lavar o sangue, o suor, a sujidade e o fedor a batalha.

Vestiu umas calças de ganga, puídas nos joelhos e que mal chegavam aos tornozelos das suas longas pernas, e uma *t-shirt* que ficava um pouco larga sobre a sua magra figura. Calçou o seu segundo par de botas até conseguir limpar as que havia usado na operação.

Prendeu a espada e subiu para tomar o pequeno-almoço com o pai.

— A tua mãe está de volta — disse-lhe ele, aproximando-se do forno para tirar os tabuleiros. — Está na clínica, mas de volta.

— Vou até lá depois do pequeno-almoço. — Fallon optou por beber sumo, pois apetecia-lhe algo fresco.

— Precisas de dormir, querida. Estás acordada há mais de vinte e quatro horas.

Ovos mexidos e *bacon* estaladiço. Fallon atirou-se à comida como um esfomeado. — Tu também — salientou ela.

— Dormi um pouco no caminho de regresso... e fiz uma bela soneca de alpendre, como o meu pai costumava dizer, antes de tu chegares.

Fallon serviu-se de mais ovos. — Não tenho um arranhão. Um único arranhão. Os soldados que comandeie sangraram. O Colin sangrou. Eu não tenho um arranhão.

— Sangraste antes. — Pousou uma mão sobre a dela. — Voltarás a sangrar.

— Tenho de ver os feridos e eles deviam ver-me. E os resgatados. Depois dormirei.

— Irei contigo.

Ela olhou para o teto e pensou no soldado que dormia. — Devias ficar com o Colin.

— Vou dizer ao Ethan para ficar com ele. A tua mãe disse que é provável que ele durma até tarde.

— Está bem. Dá-me uma noção dos prisioneiros — disse ela, e ele suspirou.

— É uma mescla. Alguns durões com muito ódio e medo daqueles que possuem magia. São maioritariamente mais velhos e não é provável que consigamos dar-lhes a volta. Mas talvez possamos educar alguns dos mais novos.

— Eles precisam de ver os registos em vídeo do laboratório. Precisam de ver as pessoas a serem drogadas, amarradas, torturadas e sujeitas a experiências só por serem diferentes. — Embora o que havia visto na prisão a deixasse de estômago embrulhado, Fallon continuou a comer. Precisava de energia para funcionar. — Que isso as eduque.

Simon não pôde deixar de notar a amargura na voz da filha e acariciou-lhe novamente a mão. — Concordo, mas isso devia esperar uns dias. Muitos deles esperam tortura e execução da nossa parte. Vamos mostrar-lhes que tratamos humanamente os nossos prisioneiros, com decência.

— E depois mostramos-lhes prova do contrário — concluiu ela. — Está bem. Mas alguns nunca mudarão, pois não?

— Não.

Fallon levantou-se, agarrou no seu prato e no do pai e levou-os para lavar na pia. — Não vale a pena perguntarmo-nos porquê, mas estou constantemente a pensar nisso. Há vinte anos, o mundo que tu conhecias, que

a mãe conhecia, acabou. Milhares de milhões de pessoas morreram de um modo terrível devido ao Flagelo. Nós somos o que restou, pai, e estamos a matar-nos uns aos outros.

Virou-se para olhar para ele, aquele homem bom que havia ajudado a trazê-la ao mundo, que a havia amado e lutado ao seu lado. Um soldado que se tornara fazendeiro e que vivia agora de novo a vida de um soldado.

Ele não possuía magia, pensou ela, e, contudo, era tudo o que a luz preconizava.

— Tu não odiaste nem temeste — disse ela. — Abriste a porta da tua casa, depois a tua vida, a uma estranha, a uma bruxa que, ainda por cima, estava a ser perseguida. Podias tê-la rechaçado e a mim, que estava dentro dela, mas não o fizeste. Porquê?

Tantas respostas, pensou Simon. Decidiu-se por uma. — Ela era um milagre, e tu também, dentro dela. O mundo precisava de milagres.

Ela sorriu-lhe. — Isto vai afetá-los, estejam ou não preparados.

Cavalgou com ele até à vila, levando *Grace* para presentear a sua égua com alguma atenção e exercício. As montanhas estendiam-se ao seu redor, reverdejantes do verão e pejadas de flores silvestres. Sentiu o cheiro a terra recentemente arada e plantada, ouviu os gritos e o tinido de metal vindo do quartel onde treinavam os recrutas.

Uma pequena manada de veados emergiu do arvoredo para pastar ao longo de uma encosta íngreme carregada de árvores. Acima, o céu apresentava um azul suave e esperançoso depois da noite de tempestade.

A estrada, livre de carros e camiões abandonados — que haviam sido laboriosamente rebocados até uma oficina periférica para reparação ou desmantelamento —, serpenteava em direção a Nova Esperança.

As casas, pensou ela, agora maioritariamente em bom estado de conservação, estavam quase todas ocupadas. As que não podiam ser reparadas haviam sido, tal como os veículos, desmanteladas para aproveitamento de material. Madeira, azulejos, fios elétricos, tudo o que pudesse ser utilizado. Na terra ocupada, gado bovino, vacas leiteiras, cabras, ovelhas, alguns lamas e mais cavalos pastavam no interior de cercados cuidadosamente vigiados.

Numa curva da estrada era possível sentir o pulsar da magia dos trópicos que a sua mãe havia ajudado a criar. Ali cresciam pomares de citrinos, oliveiras, palmeiras, grãos de café, pimenta e outras ervas e especiarias. Os trabalhadores destacados para a colheita pararam para lhes acenarem.

— Milagres — disse Simon simplesmente.

Depois de passarem pelo posto de controlo de segurança, entraram em

Nova Esperança. Outrora ocupada por morte e fantasmas, no auge do Flagelo, vibrava agora com mais de duas mil pessoas, e uma árvore memorativa homenageava os mortos. A horta e a estufa comunitárias, palco de dois terríveis ataques, continuavam a florescer e a prosperar. A cozinha comunitária que a mãe havia montado antes de Fallon nascer servia refeições diárias.

A Academia de Magia Max Fallon, assim designada em honra do seu pai biológico, as escolas de Nova Esperança, a Câmara Municipal, as lojas abertas para permutas, as casas ladeando a rua principal, a clínica, a biblioteca, a vida reclamada à custa de suor, determinação e sacrifício.

Não seria tudo aquilo uma outra espécie de milagre?, perguntou-se ela.

— Sentes falta da quinta — disse ela enquanto conduziam os cavalos para o local onde havia bebedouros e postes para os amarrar.

— Hei de voltar.

— Sentes falta da quinta — repetiu ela. — Deixaste-a por minha causa, por isso sempre que venho a Nova Esperança, sinto-me feliz que a tenhas deixado por um bom lugar com boas pessoas.

Fallon desmontou e fez uma carícia a *Grace* antes de prender as rédeas em torno do poste.

Entrou com o pai no que em tempos havia sido a escola primária e que albergava agora a clínica de Nova Esperança.

O edifício sofrera alterações ao longo dos anos; Fallon tinha regressado ao passado através da bola de cristal para ver como tudo havia começado. O *hall* de entrada tinha cadeiras para quem estava à espera de um exame ou de uma consulta. Um setor tinha brinquedos e livros recolhidos em casas abandonadas.

Um par de crianças pequenas brincava com blocos; uma delas agitava alegremente as suas asas. Uma grávida fazia tricô sobre a sua volumosa barriga. Numa cadeira estava escarrapachado um adolescente de ar entediado. Noutra, um idoso de costas arqueadas respirava com pieira.

Quando viraram em direção aos gabinetes, Hannah Parsoni — filha da presidente da Câmara e irmã de Duncan e de Tonia — aproximou-se apressadamente pelo corredor da direita, com um bloco de notas na mão e um estetoscópio ao pescoço.

Hannah tinha o seu magnífico cabelo louro-escuro preso num longo rabo de cavalo. Os seus olhos, de um quente tom castanho, escureceram de prazer quando os viu. — Estava com esperança de que aparecessem. Estamos assoberbados de trabalho, — acrescentou ela, — portanto, só tenho um minuto. A Rachel pôs-me a atender os pacientes agendados e os que entram

pelo próprio pé, mas eu ajudei a fazer a primeira triagem dos feridos. Não perdemos ninguém. Algumas das pessoas que vocês libertaram... — A compaixão emanava dela com tanta intensidade que Fallon conseguia senti-la na pele. — Algumas delas vão precisar de tratamento prolongado e de acompanhamento psicológico, mas nenhuma delas está em estado crítico. A Lana... ela é maravilhosa. Como está o Colin?

— A dormir — disse-lhe Simon.

— Não tem febre, nem infecção — acrescentou Fallon.

— Não te esqueças de informar a tua mãe. Ela já sabe, mas gostará de ouvir isso. — Com o cuidado que lhe era peculiar, Hannah estendeu a mão para tocar os dois. — Parecem ambos bastante cansados.

— Talvez eu devesse fazer um...

Quando Fallon levantou a mão em direção ao rosto, Hannah seguiu-a. — Um encantamento? Gostava que não o fizesses. Eles deviam ver o teu esforço. Deviam saber o que custa, o que custa a liberdade. Que tu também pagas o preço. — Deu um aperto na mão de Fallon e avançou. — Olá, Sr. Barker, vamos lá observá-lo.

O homem pigarreou e respirou com dificuldade. — Posso esperar pela médica.

— E se fôssemos até um dos consultórios, só para dar uma olhada? Eu posso ir adiantando até a Rachel chegar.

Tranquilizadora, respondendo com doçura em vez de se sentir ofendida, pensou Fallon. Assim era Hannah, que havia estudado e praticado para ser médica, basicamente desde a infância, e que trabalhara como médica de campo em resgates durante anos.

A paciência era apenas uma forma de Hannah exercer a sua magia, concluiu Fallon.

Viu a rapariga no escritório, a trabalhar rapidamente num computador; uma aptidão que ela própria ainda não dominava completamente. April, recordou ela. Fada, aproximadamente da sua idade. Ferida dois anos antes durante o ataque no parque.

Um ataque instigado por sangue do seu sangue, sua prima, filha do irmão do seu pai biológico e respetiva mulher. Mutantes Sombrios que, acima de tudo, queriam a sua morte.

A rapariga levantou os olhos e dirigiu-lhe um largo sorriso. — Olá. Estás à procura da Lana?

— Queria ver os feridos... quem estiver disponível para isso.

— Há os prisioneiros libertados, que foram tratados e estão no auditório

da escola, e os soldados recuperados foram enviados para casa ou para o quartel. Os restantes encontram-se na enfermaria. O Jonah e a Carol estão a fazer rondas e o Ray está a acompanhar aqueles a que demos alta médica. Foi uma manhã cheia de trabalho. E agora... — Esboçou o seu radioso sorriso de fada. — A Rachel e a Lana estão a fazer um parto.

— Um parto?

— Uma das prisioneiras...

— Lissandra Ye, transmorfa; assume a forma de lobo — concluiu Fallon; tinha lido todos os relatórios. — Ainda lhe faltavam quase oito semanas.

— Ela entrou em trabalho de parto na unidade médica móvel a caminho daqui. Não conseguiram evitar. — Transparecendo alguma preocupação, April contraiu os lábios. — Eles montaram, o melhor que podiam, uma espécie de unidade de cuidados intensivos neonatais. Mas eu percebi que a Rachel estava preocupada, apesar de o Jonah ter dito que não via morte.

» Ele veria, certo? — disse April, buscando confirmação. — O Jonah saberia.

Fallon anuiu com a cabeça e saiu.

— A morte não é a única consequência — disse ela baixinho a Simon. — Lissandra Ye esteve catorze meses naquela prisão. Foi violada lá dentro e continuaram a submetê-la a experiências mesmo depois de ela ter engravidado.

— Tens de confiar na tua mãe e na Rachel.

— Eu confio.

Fallon percorreu outro corredor. Salas de aula convertidas em consultórios, salas de tratamento e de cirurgia, armazém de material médico, outro de medicamentos.

Sala de partos. Fallon pousou uma mão na porta e sentiu o poder vibrar. O poder da sua mãe. Ouviu a voz serena e tranquilizadora de Rachel e os gemidos da mulher em trabalho de parto.

— Eu confio — repetiu ela, e como o destino estava nas mãos delas, seguiu para a ampla cafeteria onde havia sido montada uma enfermaria para pacientes que precisavam de tratamento continuado e estavam sob observação.

Cortinas, encontradas ou confeccionadas, separavam as camas e compunham um invulgar festival de cor e padrões. Os monitores apitavam. Não eram suficientes, de modo algum, para tantos pacientes. Ela sabia que os rezariam de acordo com as necessidades.

Viu Jonah, que parecia tão cansado como ela se sentia, a pendurar um novo saco de soro.

— Começa pelo lado do Jonah — sugeriu Simon. — Eu começo pelo da Carol.

Fallon aproximou-se de Jonah e da desconhecida de olhos fechados na cama de hospital. A mulher tinha olheiras profundas. A pele apresentava um tom macilento e os cabelos, negros como carvão, tinham sido brutalmente cortados, como um solidéu.

— Como está ela? — perguntou a Jonah.

Ele esfregou os olhos cansados. — Desidratada, subnutrida; isso é geral. Cicatrizes de queimaduras, antigas e recentes, em cerca de trinta por cento do corpo. Partiram-lhe os dedos e deixaram-nos sarar por si só. A tua mãe já esteve a tratar disso e pensamos que ela irá recuperar o uso das mãos. Os relatórios médicos mostram que ela esteve lá dentro mais de sete anos, uma das estadas mais prolongadas naquelas instalações.

Fallon olhou para o boletim médico. Naomi Rodriguez, quarenta e três anos. Bruxa.

— Os registos indicavam que ela tinha um elfo aos seus cuidados.

— Dimitri — disse-lhe Jonah. — Ele não sabe o seu apelido, ou não se recorda. Tem doze anos. Está bem, se é que algum deles está. Concordou finalmente em ir com algumas das mulheres a quem pudemos dar alta.

— Muito bem. Eu quero...

Fallon calou-se quando a mulher abriu os olhos e a fitou. Olhos quase tão escuros como as sombras que os rodeavam.

— Tu és a Escolhida.

— Fallon Swift.

Quando a mulher estendeu a mão, Fallon segurou-lha e constatou que ela não sentia dor física; os médicos haviam tratado disso. Mas nada podiam fazer quanto à angústia mental.

— O meu menino.

— O Dimitri está bem. Vou vê-lo daqui a pouco.

— Nós trazemo-lo para a ver — acrescentou Jonah. — Assim que pudermos. Ele agora está a salvo e a senhora também.

— Apontaram-lhe uma arma à cabeça, por isso fui obrigada a ir com eles. Disseram que se eu fosse, o libertavam, mas mentiram. São uns mentirosos. Drogaram-me e drogaram o meu menino. Ele era só um menino. Não me deixavam vê-lo, mas eu conseguia senti-lo, ouvi-lo. Mantiveram-nos drogados para não conseguirmos usar os nossos poderes. Às vezes amordaçavam-nos, vendavam-nos e algemavam-nos durante horas, talvez dias. Levavam-nos àquele chagal e aos seus demónios para que nos torturassem.

Alguns pareciam envergonhados, mas levavam-nos até ele. E sabiam o que ele nos fazia. — Voltou a fechar os olhos. As lágrimas transbordaram e escorreram pelas faces. — Perdi a fé.

— Não tem de sentir vergonha por isso.

— Eu queria matar; inicialmente sobrevivia imaginando que os matava a todos. Depois só queria morrer, acabar com aquilo.

— Não tem de sentir vergonha — repetiu Fallon, e aqueles olhos angustiados voltaram a abrir-se.

— Mas tu chegaste, apesar de eu não ter fé.

Fallon inclinou-se. — Está a ver-me? Vê a luz dentro de mim?

— É como o Sol.

— Eu vejo-a, Naomi. Vejo a luz dentro de si. — Quando Naomi abanou a cabeça, Fallon pousou a mão livre na face da mulher e permitiu-se absorver alguma dessa luz. — Eles atenuaram-na, mas vejo a sua luz. Vejo a luz que brilhava, que acolheu um menino assustado, um menino confuso e desolado, e lhe deu um lar. Vejo a luz que estava disposta a sacrificar-se por esse menino. Vejo-a, Naomi. — Endireitou-se. — Agora repouse e sare. Traremos o Dimitri.

— Lutarei ao teu lado.

— Quando estiver bem — disse-lhe Fallon, e passou à cama seguinte.

Demorou quase duas horas. Fallon brincou com um soldado que afirmava que ser baleado e depois pontapeado e pisoteado era apenas um dia normal. Confortou os transtornados, tranquilizou os que se sentiam confusos.

Antes de sair, viu o menino, o menino esquelético de pele escura, sentado à beira da cama de Naomi. Com a voz enferrujada pelo desuso, lia-lhe com hesitação um dos livros infantis da sala de espera.

Fallon saiu para apanhar ar e viu que o pai tinha feito o mesmo e estava naquele momento a beijar a sua mãe.

— Sabem, vocês não precisam de arranjar um quarto. Têm uma casa inteira.

Lana dirigiu os seus olhos azuis para Fallon e sorriu. — Aqui está a minha menina. — Aproximou-se rapidamente e abraçou Fallon com força. — Estás tão cansada.

— Não sou a única.

— Pois não, não és. — Lana recuou. — Não perdemos ninguém. Graças à deusa.

— Incluindo o bebé prematuro?

— Sim. Foi complicado, mas acabei por conseguir que ele desse a volta. A Rachel queria evitar uma cesariana, a menos que ele continuasse sentado.

— Ele.

— Brennan. Um quilo e oitocentos gramas, quarenta centímetros. A Rachel continua a vigiá-lo, mas está satisfeita com ele e com a mãe. É uma mulher de fibra.

— Tu também és. Agora vai para casa, dá uma olhada no Colin e depois dorme um bocado.

— Vou fazer isso. Estamos prestes a revezar-nos aqui. Vamos todos para casa.

— Preciso de falar com as pessoas que estão no auditório, depois irei para casa.

Lana anuiu com a cabeça e passou os dedos pelos cabelos de Fallon. — Vais ver que algumas delas precisam de mais tempo para se aclimatarem. A Katie está a tratar do alojamento; são muitas, e muitas delas não devem ficar sozinhas por enquanto.

— Temos voluntários dispostos a acolhê-las — salientou Simon. — As que parecem mais estáveis podem ficar nas casas que preparámos antes do resgate. Mas algumas podem simplesmente querer ir-se embora.

— Não deviam, por enquanto, mas...

— Eu falo com elas — garantiu Fallon à mãe, e conduziu-a até aos cavalos. — Queres teletransportar-te?

— Na verdade, ia saber-me bem cavalgar. — Lana esperou que Simon montasse, estendeu uma mão e saltou para trás dele como se, outrora uma urbanita nascida em Nova Iorque, tivesse montado toda a vida. — Não demores a vir para casa — disse ela; encostou o rosto às costas de Simon e envolveu-o com os braços.

Amor, pensou Fallon quando partiram. Talvez fosse esse o maior milagre. Senti-lo, dá-lo, conhecê-lo.

Saltou para o lombo de *Grace* e dirigiu-se para a escola na esperança de convencer os torturados, exaustos e angustiados a acreditar.

CAPÍTULO DOIS



Quando Fallon chegou a casa, viu Ethan a sair dos estábulos com os cães *Scout* e *Jem* seguindo-o a trote. O seu recente salto no crescimento ainda lhe provocava surpresa. Recordava com nitidez o dia em que ele nascera, em casa, na mesma cama grande onde ela, Colin e Travis tinham vindo ao mundo.

O primeiro choro de Ethan havia-lhe soado a uma gargalhada. Quando a tinham deixado pegar-lhe pela primeira vez, ele fitara-a com aqueles penetrantes olhos de recém-nascido e ela jurara, e continuava a jurar, que ele lhe havia sorrido.

Como o bebé da família, a sua natureza alegre revelara-se naquele primeiro choro risonho e todos os dias desde então. Mas já não era um bebé, admitiu Fallon com alguma relutância.

Embora continuasse franzino, ganhara algum músculo. Tinha os cabelos ruivos e os bonitos olhos azuis da mãe, mas parecia ter herdado a altura do pai, já que havia crescido muito no que lhe pareciam ser cinco minutos.

Quando desmontou, notou que o irmão cheirava a estábulo; não havia dúvida de que tinha estado a limpar o estrume.

— Como está o Colin?

— A mãe diz que está bem. Dormiu o tempo todo em que a mãe e o pai estiveram fora. Provavelmente ainda está a dormir. — Sem tirar os olhos dela,

Ethan agarrou nas rédeas de *Grace* enquanto os cães pulavam e se aproximavam em busca de atenção. — Tu também devias dormir.

— Dormirei. O Travis?

— Esteve cá uns minutos, para ver como estavam as coisas. Vai fazer o horário do Colin com os recruta, por isso teve de voltar.

O irmão do meio podia não ter perdido o gosto por uma boa partida, mas podiam sempre contar com ele. Podia-se sempre contar com Travis.

— A *Grace* está feliz por a teres levado a passear — disse Ethan enquanto acariciava os cães e a égua ao mesmo tempo. Ethan conseguia entender os pensamentos, os sentimentos e as necessidades dos animais. Era o seu dom. — Agora está à espera de uma cenoura.

— Verdade?

Fallon imaginou a horta, as fileiras de cenouras com os seus cones cor de laranja enterrados no solo e os topos verdejantes à vista. Escolheu uma, deixou as palavras formarem-se na sua cabeça e agitou uma mão.

Na palma surgiu uma cenoura acabada de colher. Ao lado dela, Ethan riu-se.

— Essa foi boa.

— Tenho andado a praticar. — Fallon limpou a terra da cenoura à coxa das calças de ganga e deu-a à sua doce e leal égua.

— Vou refrescá-la e instalá-la — disse Ethan. — Vai dormir um bocado. A mãe pediu-me para te dizer que há um resto de massa, caso tivesses fome. Eles também estão a dormir.

— *OK*. Obrigada, Ethan.

Ethan começou a afastar-se com *Grace*, mas parou. — Quando o Eddie voltou... quando eu estava a ajudar a Fred a cuidar da quinta e ele voltou, ele disse que o que eles fizeram às pessoas que vocês resgataram foi uma abominação. Foi essa a palavra que ele usou.

— É verdade. É essa a palavra certa.

— Ele disse que havia crianças pequenas trancadas naquele lugar.

— Havia. Agora estão a salvo e em liberdade, e ninguém lhes fará mal.

Aqueles bonitos olhos azuis, tão parecidos com os da mãe, toldaram-se. — Não faz sentido nenhum, sabes? Ser-se mau não faz sentido nenhum.

Para Ethan, a primeira e a última opção seriam sempre a bondade, pensou ela enquanto se encaminhava para casa. Fallon odiava saber que ele treinava todos os dias para a guerra.

Ponderou comer a massa, mas decidiu que estava mais cansada do que faminta e por isso desceu diretamente para o quarto.

E encontrou Colin à sua espera na sala de estar. Era óbvio que o irmão tinha acordado com apetite, pois havia uma tigela, um prato e um copo vazios sobre a mesa.

Um bom sinal, pensou ela, tal como a sua tez e a limpidez nos seus olhos cor de avelã.

— Como está o ombro?

Ele encolheu o ombro ileso e levantou o outro braço que trazia numa ligadura ao peito. — Está bom. A mãe diz que tenho de usar esta porcaria o resto do dia, talvez amanhã, para evitar movimentos bruscos e estragar tudo. Uma chatice.

— Ela chateava-te ainda mais se tu estragasses tudo.

— Pois. — Ele podia ser um soldado destemido, mas não era parvo para querer enfrentar a mãe. — Foi uma luta e tanto, hem?

Fallon deixou-o desabafar. Ela sabia que o irmão precisaria disso, tal como havia precisado a maioria dos homens e mulheres que visitara na clínica.

— Nós estávamos basicamente de saída, sabes? Eles estavam dominados, Fal, estavam completamente dominados. Isto aconteceu quando tu estavas lá em baixo, na câmara de tortura, certo? O Eddie disse que estavas lá em baixo. — Colin andava de um lado para o outro enquanto falava; um hábito nervoso que ela compreendia, pois fazia muitas vezes o mesmo. — Então, algumas das fadas estavam a tratar das fechaduras das celas porque tínhamos a coisa controlada, certo? Conseguíamos ouvir alguns dos prisioneiros drogados a gritar por socorro lá dentro. E crianças a chorar. Deus do Céu.

Fez uma pausa. — Meu Deus, crianças. É impossível esquecer essa parte. Enfim, aparece um tipo de braços no ar. Eu não ia neutralizar um gajo que se estava a render, por isso aproximei-me para lhe tirar as armas... ele pousou-as no chão, céus. E... meu Deus, Fallon... um dos seus abate-o a tiro e fere-me no braço antes que eu pudesse liquidá-lo.

A fúria mesclava-se com a repugnância de Colin, um soldado até à medula, que havia formado um forte grupo de irmãos e irmãs de armas.

— Ele matou um dos seus. Um dos seus, que estava desarmado. Quem é que faz uma merda dessas?

— Verdadeiros crentes — disse ela simplesmente. — Não subestimes o verdadeiro crente.

— Bem, independentemente do que o filho da puta acreditava, eu acredito que neste momento ele está a arder no Inferno. Matou um dos seus; um homem de braços no ar, que não representava nenhuma ameaça. Enfim.

— Encolheu novamente o ombro. — Conseguimos tirá-los de lá. Falaste com o Clarence?

— Sim. Ele está bem.

— Ótimo. Ótimo. Eu vi-o cair, mas não consegui chegar a ele.

— A maioria dos feridos foi tratada e teve alta. Os outros precisam de passar mais um tempinho na clínica, mas vão ficar bem.

— Pois, foi o que a mãe disse. De qualquer modo, acho que vou até à vila ver como estão todos.

— Avisa o Ethan, para ele poder dizer à mãe e ao pai se eu ainda estiver a dormir.

— Claro. — Com a mão livre, Colin empilhou o prato, a tigela e o copo, equilibrando-os. Então os seus olhos fitaram os dela, de guerreiro para guerreiro.

— Foi uma boa missão. Trezentos e trinta e dois prisioneiros libertados.

— Trezentos e trinta e três. Uma das prisioneiras acabou de ter um bebé.

— A sério? — Colin fez um sorriso de orelha a orelha. — Fixe. Até logo.

Quando ele subiu, Fallon regressou ao seu quarto. O irmão havia sido criado como agricultor, pensou; um agricultor que adorava jogar basquetebol, gabar-se e descobrir pequenos tesouros. Em tempos afirmara que seria presidente. Não seria, pensou Fallon enquanto se despia. Ele era, e sempre seria, um soldado. Um ótimo soldado.

Vestiu uma *t-shirt* larga que havia encontrado anos antes e usava para dormir com um par de boxers de rapaz. Após inúmeras lavagens, a imagem do homem com a sua guitarra na *t-shirt* havia-se desvanecido como um fantasma. O seu pai chamava-lhe *The Boss*¹ e dizia que fora — ou era, quem podia saber? — uma espécie de trovador roqueiro.

Ela não tinha nenhum talento musical, mas sabia o que significava ser chefe.

Enfiou-se na cama dando graças aos deuses por não ter morrido ninguém que amava ou comandava. E como as vozes, as histórias e os pesadelos daqueles que ajudara a salvar ressoavam na sua cabeça, juntamente com os seus medos, a sua gratidão e as suas lágrimas, Fallon ordenou-se a bloqueá-los.

E a dormir.

Ela acordou ao luar com o frescor do outono no ar. A névoa estendia-se rente ao solo, como finas nuvens de fumo que serpenteavam através do círculo de pedra. A geada, cortante como diamantes, cintilava na erva alta do campo.

¹ *The Boss*: «O Chefe», em inglês, referindo-se a Bruce Springsteen. (N. de T.)

A floresta do outro lado agitava-se e gemia com o vento.

— Bem. — Ao seu lado, Duncan perscrutou o campo, a floresta e depois virou-se para a estudar com os olhos verde-escuros. — Isto é inesperado. Foste tu que me puxaste para aqui?

— Não sei.

Fallon não o via há quase dois anos, e depois só brevemente quando ele se tinha teletransportado, por pouco tempo, até Nova Esperança para lhe fazer um ponto de situação. Ela sabia que ele regressaria no Natal, para ver a família, porque Tonia lho havia dito.

Faria em outubro dois anos que Duncan tinha deixado Nova Esperança, depois do combate no parque, durante o qual ele havia perdido um amigo que fora para ele um irmão. Durante o qual ela havia derrubado o irmão do pai, e seu assassino, e Simon Swift lhe tinha posto fim à vida.

Duncan partira para ajudar a treinar soldados, para trabalhar com Mallick, o homem que a instruíra, numa base suficientemente longe para que pudessem estar um tempo afastados um do outro.

— Bem — disse ele outra vez. — Já que aqui estamos... — Mantinha a mão no punho da espada enquanto voltava a perscrutar a floresta, as sombras e a noite. — Ouvi dizer que a missão de resgate foi um sucesso. Um enorme sucesso — acrescentou ele, olhando de novo para ela. — Nós podíamos ter ajudado.

— Éramos suficientes para esta missão. Mais virão. Tu...

Fallon reparou que ele usava o cabelo mais comprido do que antes, ou simplesmente não se tinha dado ao trabalho de o cortar. Os caracóis caíam sobre a gola do casaco. Também não se dera ao trabalho de se barbear, por isso os ângulos vincados do seu rosto estavam cobertos por uma barba curta.

Quem lhe dera que não lhe assentasse tão bem. Quem lhe dera não sentir aquele... desejo por ele.

— Eu? — incitou ele.

— Estou desorientada. Não gosto disto. — Fallon reparou no tom zangado da sua voz, mas não se importou. — Se calhar foste tu que me puxaste.

— Não te sei dizer. Seja como for, não foi intencional. Para mim era uma noite de verão. Eu estava nos meus aposentos a pensar em terminar um dia longo com uma cerveja. Temos uma pequena fábrica de cerveja na base. E tu?

Ordenando-se para manter a calma, Fallon respondeu na mesma moeda. — Verão, no dia a seguir ao resgate. Tinha acabado de chegar a casa. Estava a dormir. Era capaz de já ter anoitecido.

— Então, muito bem. Provavelmente estaremos no mesmo tempo. Aqui

não é verão. Terra dos MacLeod, propriedade da família da minha mãe. O primeiro escudo, o que o meu avô quebrou.

— *Foi a escuridão que quebrou o escudo. O rapaz e o homem em que ele se tornou foram apenas uma ferramenta inocente. Ele era inocente.*

A voz de Fallon alterou-se, tornou-se mais profunda com a chegada da visão. Ela mudou, quase resplandecia. Duncan já a tinha visto assim. — Lá vai ela — murmurou.

— *Tu descendes dele, Duncan dos MacLeod. Eu descendo dele, pois somos dos Tuatha de Danann. Conforme o nosso sangue e o sangue nefasto do que aguarda abrirem o escudo à magia, de luz e de escuridão, assim o sangue o fechará.*

— O sangue de quem?

— *Nosso.*

— Então, vamos a isso. — Duncan desembainhou a faca que trazia à cintura e preparou-se para cortar a palma da mão.

— *Ainda não!* — Fallon agarrou-lhe no braço e ele sentiu o seu poder pulsante invadi-lo. — *Arriskas abrir todos, acabar com tudo. Fome e inundação, terra queimada e o mundo em cinzas. Há muito mais por vir. A magia ascende, luz e escuridão, escuridão e luz. A tempestade abate-se, as espadas chocam.* — Fallon pousou a mão sobre o coração de Duncan e ele sentiu demasiado. Todos os músculos do seu corpo tremeram quando os olhos dela, escuros com visões, fitaram os dele. — *Estou contigo na batalha, na vida, na morte. Mas não esta noite.*

» *Ouves os corvos?*

Ele levantou os olhos e viu-os voar em círculos. — Sim. Oiço-os.

— *Eles aguardam, a escuridão aguarda, nós aguardamos. Mas a hora está a chegar.*

— Já vem tarde — resmungou ele.

Ela sorriu-lhe com um olhar malicioso, sedutor e cheio de poder.

— *Pensas em mim.*

— Penso em muitas coisas. — Céus, ela deixava-o de água na boca. — Talvez fosse melhor saíres dessa cena.

— *Pensas em mim* — repetiu ela, e deslizou as mãos pelo peito dele até lhe rodear o pescoço com os braços. — *E nisto.*

Moldou o corpo ao dele; roçou-lhe a boca com a sua... uma, duas vezes. Provocando, seduzindo. Uma gargalhada maldita na sua garganta. Ele sentia dores por todo o corpo, tudo em simultâneo, e desejava, ansiava mais do que podia suportar.

— Que se lixe. Que se lixe tudo.

Da garganta dela emergiu um som de triunfo quando ele tomou os lábios que ela oferecia.

O sabor dela era selvagem e fazia-o ansiar por mais. O primitivo e o livre, o desconhecido e o sempre conhecido. Deslizou desesperadamente as mãos pelo corpo dela — finalmente — enquanto mudava o ângulo do beijo para o aprofundar.

Os corvos voavam em círculos no céu, as pedras flutuavam na névoa, o vento soprava numa louca sinfonia sobre campo e floresta.

Duro contra ela, com o coração a retumbar como trovões, tê-la-ia arrastado para aquele solo coberto de geada e possuído à entrada da perdição.

Mas ela empurrou-o para trás e quase o derrubou com uma súbita descarga de poder repleta de indignação.

Ofegante, ele olhou fixamente para Fallon e percebeu que as visões tinham desaparecido. Os olhos que o fitavam eram os de uma mulher muito furiosa.

— Que diabo se passa contigo? — perguntou ela, exaltada. — Achas que viemos aqui para poderes atirar-te a mim e...?

— Não sei por que diabo estamos aqui, mas não vais pôr as culpas em cima de mim. Foste tu que começaste, amiga. Tu é que te atiraste a mim.

— Eu...

Duncan viu a fúria dar lugar à confusão e depois, com uma certa satisfação, ao choque e à vergonha.

— Não era eu.

— Tretas. És sempre tu, com visões ou sem visões. — E continuava tão duro e tão excitado que teve de lutar para não tremer. — A desculpa das visões não cola comigo.

— Desculpa — disse Fallon, constrangida. — Não sei porque é que...

— Mais tretas. Ambos sabemos porquê. Mais cedo ou mais tarde vamos de concluir isto e ver se resolve, ou não, a questão. Entretanto...

— Não sou nenhuma intrujona.

— O quê?

Fallon constatou que continuava a sentir-se afogueada. Do desejo sexual, não era teimosa a ponto de não o reconhecer, e do embaraço. — É o que o Colin chama às raparigas que se atiram aos rapazes e depois os dispensam só porque podem. Eu não sou assim.

— Não, tu não és assim. — Mais calmo, ele olhou novamente para ela. — Nós sentimos o que sentimos, tu e eu. Uma das razões que me fez partir

foi não estar preparado para sentir isto. Calculo que se passe o mesmo contigo.

— Seria mais fácil se ficasses zangado.

— Seria mais fácil se me deixasses ter-te. Uma lástima para ambos. — Levantou a cabeça para estudar os corvos no céu. — Já cá estivemos, tu e eu.

— Sim. E voltaremos. O que faremos nessa altura, e o que faremos daqui até lá e depois? É tudo tão importante. Não consigo pensar em... sexo.

— Toda a gente pensa em sexo — disse ele distraidamente. — Eu disse-te que voltaria para Nova Esperança e voltarei. Eu disse-te que voltaria por ti e voltarei.

Duncan desembainhou a espada, inflamou-a e lançou fogo aos corvos. Virou-se novamente para ela enquanto os animais irrompiam em chamas e caíam. — Tu também pensas em mim.

Fallon acordou na sua cama, com a luz da noite de verão deslizando suavemente pelas janelas do quarto. Suspirou e levantou-se da cama para se vestir e ir ao encontro da família.

Duncan regressou ao seu aposento com a mesma brusquidão com que havia saído.

— Filho da mãe!

Deixou-se cair no chão, ao lado do beliche, para recuperar o fôlego. Não era como o teletransporte, pensou. Isso provocava um pequeno formigueiro no sangue. Mas aquilo, a ida e a volta, havia sido como se o tivessem disparado de um canhão.

E isso não lhe agradava nem um bocadinho.

Precisava de uma cerveja, e quiçá de uma bela e longa caminhada. Precisava de pôr de novo as mãos em cima de Fallon. Não, não; ele *queria* pôr as mãos em cima dela, e isso era muito diferente de precisar.

Tinha-as mantido longe dela durante praticamente dois anos, lembrou a si mesmo. E levantou-se para andar pelo quarto da casa que partilhava com Mallick. Tê-las-ia mantido afastadas mais tempo se ela não se tivesse atirado a si.

A culpa não era dela; pelo menos, não toda. Ele não era parvo a ponto de pensar outra coisa. Tinham sido ambos apanhados em algo, e o melhor era deixar as coisas como estavam.

Quantas vezes estivera ele naquele lugar em sonhos? Em visões? O círculo de pedras, os campos, a floresta. Nunca tinha estado no interior da casa da quinta onde os MacLeod haviam vivido durante gerações antes do Flagelo, mas conhecia-a.

Tonia conhecia-a, havia-lho dito.

E Fallon?

Devia ter-lhe perguntado. Se se visse de novo naquele campo, iria até à casa em busca dos seus fantasmas. Em busca dos familiares que ali tinham trabalhado a terra, vivido e morrido durante gerações.

Conhecia os seus nomes porque a mãe lhos havia dito. Os seus nomes, as suas histórias. Mas não era a mesma coisa.

Prendeu a espada à cintura. Estranho... tinha-a usado no círculo de pedras, mas havia-a tirado para tomar um duche no final do longo dia de instrução. Tinha usado o seu precioso casaco de cabedal... que havia encontrado quando se teletransportara com uns soldados até Kentucky numa missão de reconhecimento.

Trajado para o frio e para defesa, refletiu. Fallon também, recordou. Colete de cabedal castanho sobre uma camisola de lã, calças de lã. Seguramente não estivera a dormir com roupa para o tempo frio.

Isso era interessante. Para si, a magia era interminavelmente interessante. Uma ciência, e uma arte, uma maravilha envolta em poder.

Olhou para o monte de livros, quase todos emprestados por Mallick. *Estuda*, dizia-lhe constantemente. *Lê e aprende, olha e vê, pratica e faz.*

O seu Yoda particular.

Céus, como sentia falta das noites de DVD que faziam em casa.

Deambulou pelo quarto, olhando para os desenhos que havia afixado nas paredes. A mãe, as irmãs, amigos, um de Bill Anderson diante da Velharias. Um da árvore memorativa. Ali estava o nome do seu pai, e o nome do homem que havia ocupado o seu lugar por um breve período.

O homem que a sua mãe tinha amado por esse breve período. E Austin havia-lhe oferecido um *kit* de desenho, que era ainda mais precioso do que o blusão de cabedal. Há muito que gastara os lápis de cor, os de carvão e os pastéis. Mas procurara mais.

Mallick havia-o surpreendido, pois ele esperara que um capataz tão exigente zombasse de desenhos e que reclamasse do desperdício de papel e de material.

Em vez disso, Mallick encontrara um alquimista capaz de criar mais.

A arte era um dom, dissera-lhe ele.

Claro que não fazia mal que Duncan também desenhasse mapas... minuciosamente detalhados. Nem que fosse capaz de recriar uma base inimiga em papel, para ajudar a planear uma missão.

Ainda assim, Duncan não lhe havia mostrado os desenhos de Fallon.

Nem sequer aquele em que a retratara a retirar a espada e o escudo do fogo no Poço da Luz.

Estava prestes a abrir a gaveta onde guardava os desenhos dela, mas recuou. Seria procurar sarilhos, decidiu. Passou os dedos pela desgrenhada trunfa negra, considerou-a penteada e saiu para a sala de estar onde Mallick se encontrava sentado junto ao fogo.

Duncan sabia que Mallick havia escolhido o que era basicamente uma cabana de férias por causa da lareira, das árvores, de um pedaço de terra onde plantara uma horta, pela apicultura. E a casa tinha um sótão onde ele instalara a sua oficina.

Duncan, que se havia considerado bastante versado em magia — que diabo, ensinara os jovens com poderes mágicos em Nova Esperança —, aprendera muito naquele sótão.

A casa não era nada de especial, tinham de a enfeitiçar no inverno para não morrerem congelados, mas passavam bastante bem. Talvez nenhum dos dois soubesse cozinhar nada de jeito, mas não morriam à fome.

— Vou sair para beber uma cerveja.

— Bebe antes um vinho — disse Mallick — e fala-me da Fallon.

Duncan estacou. — Foste tu que nos enviaste para lá? Raios.

— Não, mas vi os dois no fogo.

— Não nos enviaste?

— Não. — Mallick inclinou-se para a frente e serviu um segundo copo de vinho; um agradável vinho de maçãs ácidas que ajudara a fazer no outono anterior.

Duncan sentou-se no outro extremo do sofá coçado. Preferia uma cerveja, mas, em caso de necessidade, o vinho servia.

Bebeu um gole enquanto avaliava Mallick.

O homem não mentia, era um facto. Aguardava agora pacientemente; Mallick exhibia, com frequência, a paciência de um maldito gato diante da toca de um rato. Os seus cabelos escuros, que usava ainda mais longos do que os de Duncan, apresentavam alguns fios grisalhos. A madeixa branca na barba conferia-lhe um estranho tipo de... estilo, refletiu Duncan. Mantinha o corpo em forma como um soldado.

Na opinião de Duncan, tinha muito bom ar para alguém com alguns séculos de vida.

— Estava a pensar na cerveja e... *pimba*. Ali estávamos nós. Ela disse que estava na cama a descansar. E, segundo o que a Tonia nos disse, bem merecia.

— Sim.

— Enquanto lá estávamos, ela teve uma visão.

Mallick anuiu com a cabeça. — Conta-me. Eu consegui ver, mas não consegui ouvir.

Em vez da cerveja e da caminhada, Duncan bebeu vinho junto ao fogo e falou de visões.

— O sangue dela e o meu; provavelmente o da Tonia, por sermos gémeos. Até aí, nada de surpreendente. Como e quando é que é o mistério — refletiu Duncan. — As visões são quase sempre uma merda. Mais perguntas do que respostas, com tantas tretas crípticas.

— As respostas estão lá — corrigiu Mallick. — Tu pertences aos Tuatha de Danann, assim como a Fallon. Como o teu avô. O seu sangue, sangue inocente, desempenhou um papel na abertura do escudo. O teu e o da Escolhida fechá-lo-ão.

Duncan bebeu mais vinho. — Como e quando? — repetiu ele.

— Coragem, fé. São essas as coisas que conduzirão ao «como». Quando as tiveres, quando tudo o que tem de ser feito tiver sido feito, saberás o «quando».

Mais tretas crípticas, pensou Duncan. — Eu arrisquei a minha vida e voltarei a fazê-lo. Assim como ela. Como as pessoas de Nova Esperança, as pessoas daqui, de cada uma das bases que montámos. Como as pessoas que lutam neste momento e que nós ainda não conseguimos alcançar.

— Os deuses são ambiciosos, rapaz — disse Mallick com serenidade.

— Eu que o diga. Eu não pergunto o porquê, qual o sentido, de algumas pessoas matarem, torturarem, escravizarem outras. Fazem-no, simplesmente.

— Medo, ignorância, sede de poder.

— São apenas palavras. — Duncan desdenhou-as como se fossem pó. — É a natureza, pois algumas são simplesmente assim. Li as histórias. As pessoas fazem-no desde sempre. Antes de a magia se ter desvanecido e depois disso. Talvez principalmente depois. O mundo foi para o inferno e elas continuam a fazê-lo.

— A vida é longa.

Duncan sorriu com ironia. — Pelo menos, a tua.

Divertido, Mallick abanou a cabeça. — A vida de todos, dos mundos, dos deuses, da magia e dos homens. Mas como a minha já vai longa, posso dizer-te que houve épocas de harmonia e equilíbrio, e existiu sempre potencial para isso. A fé e a coragem constroem esse potencial.

— Fé nos deuses e nas suas tretas crípticas?

— Na luz, rapaz. No que contém e oferece. Estás disposto a lutar e a morrer pelas tuas crenças, pelos teus ideais, para defender os inocentes e oprimidos. Mas depois da batalha, do sangue, da guerra, viverás por tudo isso? Luz para vida.

— *Solas don Saol*. — Duncan recordou as palavras gravadas na pulseira de madeira que Fallon usava.

— A Escolhida já percebeu que a luta não será suficiente. — Mallick inclinou-se para diante e serviu-se de mais vinho. — Não me contaste como foi o resto do teu tempo com ela esta noite.

— Não é relevante. — Irritado, Duncan decidiu que também estava a precisar de um pouco mais de vinho. — Além disso, tu viste.

Mallick não disse nada, limitou-se a bebericar o seu vinho. A maldita paciência de gato-e-rato.

— Ela atirou-se a mim. Eu mantive as mãos longe dela até ela dar esse passo. E tirei-as quando ela disse que não queria. Só que ela não disse que não queria. Ela nunca diz que não, exatamente. E eu não vou ter esta conversa contigo. É estranho.

— És jovem e saudável, tal como ela. Isso, por si só, gera atração. Mas entre os dois existe algo mais do que um desejo de alívio físico, e vocês sabem disso.

— Alívio físico. — Duncan passou as mãos pelas faces e deixou-as lá. — Credo.

— Achas que lá por eu não me ter entregado aos prazeres da carne, não entendo o que é desejo?

— Eu não quero... — Duncan baixou as mãos e fitou Mallick com uma expressão de fascínio e de espanto nos seus olhos verdes. — Nunca? Nunca fizeste sexo? Não, não me digas. É demasiado estranho.

— Corpo, — continuou Mallick com naturalidade, — mente, espírito. Há quem encontre um par nos três.

— Não ando à procura de par.

Mallick anuiu com a cabeça e bebeu mais vinho. — Quando não olhas, não vês.

Basta, pensou Duncan levantando-se. *Já chega*. — Vou dar uma volta.

Quando Duncan saiu a passos largos, Mallick deixou-se ficar onde estava. O rapaz ia cismar no assunto, pensou. Ia também verificar as sentinelas, os níveis de segurança e dar uma olhada nos novos recrutas.

O rapaz era um soldado nato, um líder nato, embora ainda tivesse muito para aprender.

Aliviaria a frustração e a cisma com uma caminhada e, no final, acabaria por combinar a sua considerável coragem com uma fé em que ainda não confiava. Faria o seu caminho até onde precisava de estar.

O mundo dependia disso.